

## **APOIO AO MOVIMENTO PACÍFICO DE OCUPAÇÃO DE ESCOLAS PELA GREVE CLIMÁTICA ESTUDANTIL**

Move-nos um imperativo de solidariedade. Somos um grupo independente de professoras e professores, de investigadoras e investigadores, que se constituiu para declarar apoio ao movimento pacífico de ocupação de escolas da Greve Climática Estudantil pelo “fim ao fóssil”.

Segundo o último relatório do IPCC (Painel Inter-Governamental sobre Mudanças Climáticas), metade da população humana será exposta a perigo de vida devido ao aumento do calor e da humidade, num prazo cujo limite da reversibilidade é 2030. É urgente eliminar as emissões resultantes de combustíveis fósseis para não ultrapassarmos a meta limiar de aumento da temperatura global de 1,5°C estabelecida por esta entidade.

A mudança não resultará de práticas individuais isoladas ou de hipotéticos expedientes tecnológicos, mas sim de decisões políticas firmes, que esperamos dos nossos governos. Isso não acontecerá enquanto esses governos, sobretudo os mais responsáveis, atual e historicamente, pela poluição e utilização insustentável de comunidades e territórios inteiros, continuarem aliados aos interesses das petrolíferas e das grandes empresas extrativas.

É tempo de deixarmos de secundarizar as ameaças de extinção da nossa espécie, de ver a perda irreversível de outras espécies e a redução da biodiversidade como males menores, os elementos do planeta como recursos inesgotáveis, de tomar como normal que o consumo de luxo e lazer de uma minoria privilegiada se faça à custa da destruição da maioria de nós neste planeta. Enfim, é tempo de deixarmos de nos guiar pelas narrativas da civilização industrial do Norte Global que enviesam o modo como olhamos o mundo e nele vivemos as nossas vidas.

Assustando-se com o futuro que vão herdar, os/as estudantes têm vindo a reclamar, desde 2018, a implementação de políticas de defesa dum mundo habitável. Faltaram massivamente às aulas, lembrando que não existe planeta B, sublinhando a contradição do ensino científico e da educação cidadã com a destruição consciente e negligente do planeta. De que vale aprender na escola aquilo que valoriza a vida se as próprias condições de vida não estão asseguradas?

Aplaudimos. Juntámo-nos às suas mobilizações, mas fomo-nos retirando de cena, com o desnorte da pandemia, do espectro de um conflito à escala mundial, de mais uma crise financeira. E porque nos pediram efetivamente contas. E nós não temos justificações para nos refugiarmos numa melancolia indolente, para não nos expormos às asperezas da luta. Enquanto isso, elas e eles, estupefacta/os com a nossa inércia, dispõem-se a travar com os corpos o avanço da engrenagem de extinção, com riscos de grande tensão emocional e prejuízos para a saúde mental.

É tempo de deixarmos o isolamento, mesmo que nos atarefemos para tapar as brechas de outras ameaças à proteção e saúde, que a todo o momento nos parecem mais variadas e imediatas. Enquanto isso, derretem as possibilidades de se controlar um processo letal para os humanos.

Mais uma vez, a juventude mobiliza-se, com a esperança de que façamos o que a democracia nos pede. Desta feita, ocupando o espaço onde sempre dissemos que eles e elas deviam estar para preparar o seu futuro: as escolas, as universidades, os politécnicos.

Nós, que gostaríamos de realizar as nossas vocações num ambiente de colaboração tranquila, sabemos bem, por outro lado, que as nossas escolas são o palco histórico de reivindicações contra a opressão imposta pelo privilégio de alguns e o sacrifício do comum.

Aliamo-nos, pois, à causa estudantil por um plano de governo concreto, exequível, para a neutralidade carbónica até 2030, salvaguardando a equidade de trabalho (e a transição justa para empregos para o clima), bens e garantias. Não é só isso que é necessário para harmonizar a nossa casa comum. Tencionamos continuar a fazer o nosso trabalho. Vamos estar com a/os estudantes o mais possível e manifestamos a nossa disponibilidade para:

- Fazer aulas que contem com elas e eles e tratem dos problemas do clima e da justiça ambiental: das soluções de energia renovável; do incremento da biodiversidade; de alternativas políticas e ativistas; das histórias, geografias e políticas coloniais; do racismo ambiental; das desigualdades de género no trabalho de sustentação e cuidados; da imaginação poética para as relações entre seres, etc.;
- Intervir com as nossas aptidões e conhecimentos a nível científico, crítico, criativo e pedagógico;
- Discutir e (re)construir um desenho curricular que permita trabalhar sobre estas questões;
- Nos organizarmos para debater as nossas insuficiências a nível ambiental e social em cada uma das nossas instituições;
- Elencar e reivindicar as medidas específicas mais prementes para a mudança em cada escola;
- Participar em ações, construtivas e não coercivas, de alerta, alegria, debate e protesto, aliando estudantes e trabalhadores, com vista à mudança que urge implementar em prol da justiça ambiental e social.

Apelamos a que demais pessoas da comunidade escolar e civil participem, quer subscrevendo este documento na plataforma M.A.E – Movimento de Ação Ecológica, <https://movimentoaccaoeologica.wordpress.com/>, quer apresentando sugestões e ações conjuntas.

Adosinda Faria Fernandes  
Alexandre Wragg Freitas  
Ana Margarida Gomes Vicêncio

Ana Paula Tavares  
Angela Bucciano do Rosario  
Antónia Pedroso Lima  
António Cândido Franco  
António Fonseca  
Boaventura de Sousa Santos  
Bruno Afonso  
Carla Parreirinha  
Carlos A. M. Gouveia  
Cristina Duarte  
Cristina Roldão  
Daniel Cardoso  
Davide Scarso  
Diana V. Almeida  
Domingos Diogo Correia  
Edgardo Medeiros Silva  
Elisabete Marques  
Fernando Jorge Silva Guerreiro  
Fernando José Pereira  
Florian Ulm  
Guilherme Luz  
Guilhermina Jorge  
Gustavo García López  
Hans Eickhoff  
Hélder Adegar Fonseca  
Helena Correia  
Inês Cordeiro Dias  
Inês Luz  
Inês Ponte  
Inocência Mata  
Isabel Ferreira  
Isabel Maria Fernandes Alves  
Jaime Manuel Almeida Pinho  
Joana Cunha Leal  
Joana Salvador Bagulho  
João Camargo  
João Carvalho  
João Paulo dos Santos Dias  
João Ramalho  
João Teixeira Lopes  
Jorge Moreira  
José Carlos Tiago de Oliveira  
José Eduardo Reis  
José Manuel B. Martins  
José Neves  
José Soudo  
Linda Miriam Cerdeira  
Luís Ferro  
Luís Trindade  
Manuela Ivone Cunha  
Margarida Vale de Gato  
Maria Irene Ramalho

Maria Isabel Caldeira Sampaio dos Aidos  
Maria José Lobo Antunes  
Maria Teresa Gomes Ferreira de Almeida Alves  
Mariana Pinto dos Santos  
Maria Prata  
Marta Lança  
Marta Sofia Luís de Mascarenhas  
Miguel Cardoso  
Miguel Carmo  
Miguel Clara Vasconcelos  
Miguel Vale de Almeida  
Nídia Ponte  
Nuno Marques  
Odília Freitas  
Patrícia Vieira  
Paula Godinho  
Paula Guerra  
Paula Sequeiros  
Paulo Faria  
Paulo Raposo  
Pedro de Faria  
Regina Guimarães  
Ricardo Moreira  
Ricardo Pita  
Rita Mendes  
Rosário Caetano  
Rui Manuel Firmino de Oliveira  
Sandra Escobar  
Serge Abramovici (dito Saguenail)  
Susana Matos Viegas  
Tatiana Faia  
Teresa Meira  
Teresa Leonor Santos  
Tiago A. Marques  
Vanda Viegas  
Virgínia Baptista  
Viriato Soromenho-Marques